

ITINERÁRIOS NÃO FICCIONAIS E FICCIONAIS NOS ABECEDÁRIOS.

*Marcus Vinicius Rodrigues Martins Maiúscula*¹

*Celia Abicalil Belmiro*²

Eixo temático: Alfabetização e Infância

Resumo: O presente trabalho analisa estrutura verbovisual dos Abecedários no intuito de identificar as relações entre a ficcionalidade e a não ficcionalidade. É perceptível a dinâmica de linguagens e estilos encontrados nessa tipologia que têm acarretado uma variedade de formas híbridas, no qual vêm apresentando alterações significativas, tanto no formato quanto na abordagem dos seus temas. Para observar a hibridização entre ficção e não ficção, utilizam-se três livros brasileiros, a saber *ABC Curumim já sabe ler!* (2008) Bia Hetzel e Sílvia Negreiros e ilustrada por Mariana Massarani, de 2008; *Deu Zebra no ABC*, de Fernando Vilela, de 2017 e *Alfabeto Escalafobético: abecedário poético*, de Cláudio Fragata e ilustrado por Raquel Matsushita, de 2013. Emprega-se a metodologia de expansão que leva em consideração uma gradação do mais próximo do estritamente não ficcional – isto é, a presença dominante da divulgação científica e técnica – até o mais imerso em uma proposta que caracterize um livro híbrido eivado de uma linguagem literária, com uma carga estética e pleno de recursos plásticos, em diálogo com o conteúdo informativo. Os resultados indicam para níveis de hibridizações, ora com o caráter pedagógico associado ao informativo, ora um entrelaçamento entre ficção e não ficção atravessado por uma diversidade de linguagens, no qual o sistema alfabético é um pretexto para fabular, encantar e poetizar.

Palavras-chaves: Abecedários; Livros infantis; Não ficção; Ficção; Infância

¹Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais. Assistente Técnica de Educação Básica no Estado de Minas Gerais. Contato: marcusmartins2005@gmail.com

² Pos-doutora pela Universidade de Cambridge-UK. Professora do Programa de Pós-Graduação Conhecimento e Inclusão Social em Educação da Universidade Federal de Minas Gerais. Contato: celiaabicalil@gmail.com

Os abecedários são uma tipologia de obras conhecida pela grande maioria dos leitores e é facilmente encontrada em bibliotecas, escolas, museus, livrarias e nas casas de família. Muitas vezes, o contato com o mundo dos livros se inicia por essas obras, seja para aprender nomes, conhecer algum objeto e animal, ou para que os menores inaugurem práticas de alfabetização com adultos. Todavia, muito desses livros vêm apresentando inovações não só na sua organização temática, quanto na sua estrutura conceitual.

O presente estudo tem o objetivo de compreender os abecedários como espaço de inovação, inventividade e, sobretudo, potencializador da capacidade imaginativa. Além disso, o intuito é apresentar essas obras como uma categoria dentro dos livros de não ficção infantil que, assim como a maioria das obras contemporâneas de não ficção infantil, se deslocam num continuum desde a não ficcionalidade estrita até a obras imersas em ficcionalidade.

Algumas interrogações embasam este texto: Por quais motivos esses livros tornam-se lugares propícios para a criação poética e artística? Como analisar de uma forma expansiva a estrutura híbrida de não ficção e ficção presente nos abecedários? Como compreender as inúmeras interfaces estético-literárias e os intercâmbios entre as dimensões pedagógica, informativa e artística presentes em algumas obras dessa categoria? Esses questionamentos apoiam-se em indícios de que os abecedários, como categoria, podem se articular como criadores de um espaço poético.

Partiremos de algumas hipóteses que ajudarão a construir um marco teórico: a construção textual perpassa o debate dos abecedários como um lugar de múltiplas possibilidades: a expansão entre ficção e não ficção possibilita a construção de textos híbridos; e, por fim, a interlocução entre os textos e linguagens de natureza pedagógica, artística e informativa numa perspectiva de expansão.

Alguns pressupostos sobre os abecedários

Os abecedários, ou os ABCs, são livros amplamente analisados por inúmeros estudos que os abordam como tema central da análise (HUBER, 2001; BONNARDOT-LITAUDON, 2014; LITAUDON, 2018; SILVA, MARTINS, 2016), ou tangenciam essa tipologia, apontando dispositivos estéticos e literários (BELMIRO, 2008; GALVÃO, 2016). Os abecedários são um dos primeiros livros com funções informacionais com que as crianças mais pequenas têm

contato, ou seja, são aqueles que fornecem entradas informativas às crianças sobre determinado tema. Assim como os numerais e os livros de primeiros conceitos, o propósito dessas obras é "ajudar as crianças a organizar suas experiências, ilustrando e nomeando objetos e pessoas do cotidiano" (MALLETT, 2004, p. 623).

O debate sobre esses livros perpassa dois fatores importantes: o primeiro é que essas obras estão presentes no cotidiano das crianças em acervos de bibliotecas, de salas de aula e no próprio ambiente familiar. Os abecedários empregam elementos pedagógicos que são estimulados nos ambientes escolares e domésticos como maneira de fomentar a aquisição do princípio alfabético e os conceitos sobre a escrita. O seu uso auxilia no desenvolvimento da consciência fonética e conhecimentos das relações entre letra e som (SILVA; MARTINS, 2016). Por outro lado, a tipologia proporciona potencialidades estético-literárias fomentando a inferência e a identificação de categorias narrativas ficcionais, como a construção de personagens, ações, sequencialização, tempo e espaço (SILVA, MARTINS, 2016; GALVÃO, 2016).

A possibilidade de associar o pedagógico ao informativo, a recursos estéticos e literários nos leva ao segundo ponto, pelo qual os abecedários podem apresentar mudanças significativas na produção gráfica e plástica de obras contemporâneas. Segundo Modely (2018) os ABCs, como comumente são denominados, configuram-se como espaços propícios de criação fortemente simbólicos e se inscrevem em uma continuidade, sempre questionando o *status* da representação gráfica da letra. Ainda de acordo com a autora,

o abecedário é, acima de tudo, um livro ilustrado, espaço no qual as conexões diferenciadas podem se entrelaçar entre a letra e a imagem. Ilustradores exploram o gênero, oferecendo várias entradas, quer pela letra como uma imagem ou recusando as possibilidades expressivas de ilustração (MODELY, 2018, p. 10)

Os abecedários se constituem como obras de representação não ficcional, abertos ao emprego de recursos ficcionais por meio de composições iconográficas; tornam-se, assim, uma categoria com múltiplas possibilidades.

A metodologia de expansão

Para compreender as relações entre a não ficção e a ficção na construção de textos híbridos, propõe-se aqui uma metodologia de expansão (MARTINS; BELMIRO, 2019, 2021) para a organização do *corpus*, de forma a destacar desde uma proposta que vai do mais

próximo ao estritamente não ficcional – isto é, a presença dominante da divulgação científica e técnica – até o mais imerso em uma proposta que caracterize um livro eivado de uma

linguagem literária, com uma carga estética e pleno de recursos plásticos, em diálogo com o conteúdo informativo. A metodologia de expansão intenta propor uma maior fluidez ao ordenamento não ficcional e ficcional, não se restringindo a oposições, mas em uma expansão da informação com variações de ficcionalidade. Para Bernardo (2005, p. 14), “a ficção **não** copia a realidade, mas **a representa**, ou seja, a rerepresenta – portanto, a refaz, a reinventa”. Ainda para o pesquisador, “a ficção desrealiza o real para criar um novo real mais seguro, portanto que parece “mais real” para nós, do que aquele que se encontrava no ponto de partida” (BERNARDO, 2005, p 15). De certo modo, busca-se na análise, empregando a metodologia de expansão, a nuance da “desrealização” da informação, pela presença da ficção para, assim, transformar a informação em um outro constructo informacional, denunciando a riqueza da produção editorial.

As gradações de hibridismo nos livros de abecedários

A seleção de obras procurou inovações no campo da não ficção que dialogassem com as áreas da literatura, do *design* e das artes plásticas. Foram considerados critérios estético-literários gerais, como a materialidade, autoria, projeto gráfico e a interação entre os discursos verbal e visual. Ainda que tenha sido encontrado um grande volume de obras traduzidas, foram privilegiadas obras brasileiras, revelando a produção nacional nessa área. O *corpus* de análise compôs-se de três obras, com o intuito demonstrar a diversidade, a originalidade e inventividade presentes nos abecedários.

O pedagógico associado ao informativo

A primeira obra é *ABC Curumim já sabe ler!*, de 2008, escrita por Bia Hetzel e Silvia Negreiros e ilustrada por Mariana Massarani. Cada letra é associada a um referente no mundo e representada visualmente; por exemplo, “A de Avião” e “G de Galinha”. Esse material pode ser considerado um livro de conceitos, isto é, suas funções básicas são apresentar elementos do cotidiano da criança e ampliar o léxico infantil. Esses livros ajudam as crianças em sua progressiva distinção e elaboração conceitual da realidade.

Nesse livro não há verbos ou adjetivos, mas substantivos associados a objetos, animais, fenômenos naturais, entidades reais e imaginárias. A presença de tais livros ativa o

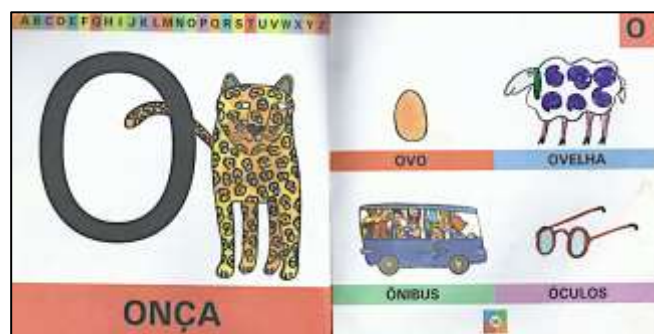
processo de nomeação do mundo e de construção de significados e sentidos para as diversas formas de representação (GALVÃO, 2016).

No entanto, o objetivo de informar se associa a intenções mais pedagógicas, ao ato de apresentar as letras do alfabeto para relacioná-lo a aprender a ler e escrever. Além disso, são poucas as vezes em que há relações com objetos mais distantes do mundo infantil.

Os abecedários estão comumente associados a práticas de alfabetização, sobretudo aqueles que utilizam a estrutura de um livro de conceitos. Isso pode revelar o que Kummerling-Meibauer e Meibauer (2011) aponta como a suspeita dos adultos de pensarem que os livros de conceitos apenas possuem função de aprendizado do léxico e da gramática, de modo a estimular as crianças a utilizar palavras apropriadas e a construir sentenças corretas. Embora esse tipo de estrutura textual realmente contribua para ampliação do léxico inicial e conhecimento gramatical, ela também contribui para o letramento visual e a competência literária (KUMMERLING-MEIBAUER E MEIBAUER, 2011, p. 107)

Evidenciam-se, nas ilustrações, representações mais próximas do real, mas com sutilezas artísticas, tão comuns aos trabalhos de Massarani. A brincadeira entre o real e o imaginário está posta na descrição visual dos animais (Fig. 1), em traços humanizados, sobretudo o rosto, os olhos, a boca e o nariz.

Figura 1 – ABC Curumim já sabe ler!



Fonte: Hetzel, Negreiros e Massarani (2008)

O livro se configura como uma obra informativa e pedagógica, incluindo uma vasta seleção vocabular e, ao fim da apresentação das letras, um texto explicativo sobre o livro abecedário e sua importância para o processo inicial de alfabetização. No entanto, são as ilustrações que revelam suas fugas poéticas (BELMIRO, MARTINS, 2019). A delicadeza do traço se aproxima do desenho infantil e foge do padrão clássico de livros cuja relação figura x fundo destaca o objeto.

O entrelaçamento entre ficção e não ficção nos abecedários

O segundo livro, *Deu Zebra no ABC*, de Fernando Vilela, de 2017, emprega a narrativa como estratégia para apresentação dos animais de acordo com as letras do alfabeto: desde a primeira página, a letra A introduz a Atrevida Anta que vai agarrar o rabo do Burro e assim por diante; a primeira letra do nome do animal inicia uma ação por um verbo com a mesma letra, que repercute em outro animal da letra seguinte. Assim, o “**elefante**, que se **encantou** pela **foca**, que **fazia fofoca** com o...” (Fig. 2).

Figura 2 – Deu Zebra no ABC



Fonte: Vilela (2017)

Esse jogo sonoro se reflete no plano visual, no qual se nota a correspondência dos animais com suas respectivas ações. No entanto, a página acrescenta detalhes, mostrando outros animais que são da mesma letra: por exemplo, na página dupla em que as letras E e F se encontram, observam-se escorpiões, flamingos, formigas e um furão.

Essa sequência narrativa finaliza com a letra Z que prossegue com um embate com o autor do livro: [...] *Zebbras, que zombaram e zoaram do **AUTOR** que se esqueceu de escrever o nome de muitos **BICHOS** que apareceram nesta história*". O texto imagético expõe o descontentamento dos animais e a surpresa do autor pelo seu esquecimento. E acresce um jogo verbal: “vixe...**deu zebra**”. Há duas intervenções na estrutura discursiva verbovisual: a primeira relaciona-se com o conceito de metaficção, por meio da interferência do autor no enredo. De acordo Bernardo (2010, p. 9) esse procedimento é “um fenômeno estético autorreferente através do qual a ficção duplica-se por dentro, falando de si mesma ou

contendo a si mesmo”. O uso da metaficção evidencia o processo de construção de narrativas ficcionais e, nesse sentido, como pontuam Belmiro e Almeida (2018), se opõe à ficção realista

que concebe a obra como representação fiel da realidade. A obra de Vilela, ao assumir o discurso metaficcional, mostra que a “diferença ontológica entre ficção e realidade é explicitada; ou seja, a ficcionalidade dos eventos, personagens e objetos referidos está em primeiro plano” (MCCALLUM, 1998, p. 399 apud BELMIRO; ALMEIDA, 2018, p. 155).

A segunda intervenção está na fala do autor que faz referência ao título da obra *Deu zebra no abc*. A expressão, que se reporta ao jogo do bicho, faz referência à zebra que é o animal que não está no jogo e que, portanto, significa algo inesperado ou que não deveria ter acontecido.

A semântica visual recupera essa expressão pelo semblante confuso do personagem-autor. Um touro o encara demonstrando o descontentamento por não ser citado na letra T. Além disso, o cenário é composto por folhas de rascunhos que identificam experimentações de representação visual dos animais, o que sugere sua preocupação em retratar as formas vivas de acordo com um modelo natural (MARTINS; BELMIRO, 2021).

O abecedário de Vilela se situa em um lado mais ficcional do espectro proposto na metodologia de expansão, a junção entre linguagens –plástica e literária – produz uma narrativa que surpreende o leitor a cada virada de página. Como menciona Silva e Martins (2016) os abecedários possibilitam a inovação e a experimentação de conceitos estéticos, beneficiando-se de características pós-modernas, ligadas ao dialogismo. A ficção presente na obra de Vilela amplia consideravelmente as possibilidades de entradas de leitura, de modo que o leitor interaja com o abecedário, superando uma relação linguística e referente.

Por fim, seguindo a metodologia de expansão, uma obra se situa no espectro mais ficcional dos abecedários: o livro *Alfabeto Escalafobético: abecedário poético*, de Cláudio Fragata, ilustrado por Raquel Matsushita, de 2013, expande a presença da ficcionalidade, do estético e da sensibilidade, rompendo assim como a intenção pedagógico-didática dos abecedários. O emprego da linguagem literária, integrada a um texto visual marcado pela relação coesa entre o design e arte, transforma a obra em um trabalho de qualidade artística. Para Kerper (2003) são esses fatores que podem melhorar nosso prazer estético, bem como nosso entendimento intelectual.

O projeto consiste em um entrecruzamento de linguagens – gráfica, literária, tipográfica e plástica – para apresentar de forma lírica e bem-humorada as letras em plena ação, seja por pequenos poemas visuais, listas e hipertextos. As ilustrações dialogam com o texto verbal ressaltando as formas, as sonoridades e os ritmos.

O texto imagético, baseado em ilustração computadorizada, enaltece as formas de cada letra; a ilustradora brinca com a tipografia e afirma: “eu adoro as letras e principalmente

os desenhos que elas formam”. Na busca de ilustrar com as formas das letras, percebem-se ilustrações abstratas que dialogam com o texto verbal. Na letra *eme*, o texto verbal diz repetidamente *mar mar mar...*no meio do texto, há uma palavra *ilha* logo após, observa-se a repetição da palavra *mar* até o final. A imagem recupera a iteração transformando-os no movimento do mar, a partir do formato da letra M. Por sua vez, o signo linguístico – M – converte-se em ilhas nesse mar. Em cada página, uma sinergia entre palavra e imagem na construção de sentido pelo leitor.

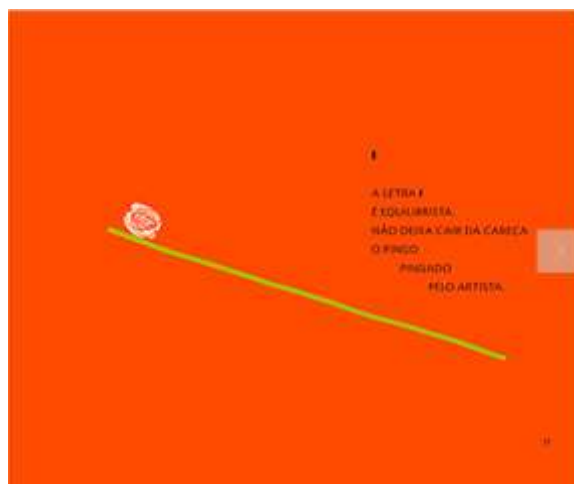
Nesse abecedário poético, cada página combina arte, design e texto verbal, transformando as letras em signos, mas também em objetos modelados na mão dos autores, construindo formato próprios, seja em sua sonoridade ou na visualidade. Esse artesanato visual e gráfico presente na obra, em que as letras são as matérias-primas, corrobora o que Giovanini (1998) pensa sobre a sinergia entre imagem e palavra no campo do design:

(...) legibilidade nem sempre é o ponto principal. Muitas publicações provêm, em vez disso, uma espécie de ambiente perceptivo, usualmente divertido, no qual os leitores tornam-se espectadores experimentando as tensões visuais das páginas diagramadas mais pelo estilo que pelo conteúdo. Cada página, como um pôster, tem sua própria consistência (...) (Giovanini, 1988: 201)

No abecedário de Fragata e Matsushita existe um sistema gráfico e artístico único e coerente que se encerra em si mesmo, no qual a sequência alfabética torna-se um pretexto para reunião de poesias e telas.

A obra, ademais, brinca com o complexo e o sutil em cada página, como se vê na letra I (Fig.3). A imagem representada por um traço em diagonal com uma bola na ponta esquerda superior é uma metáfora visual da letra que está constantemente equilibrando o pingô que compõe a sua letra.

Figura 3 – Alfabeto Escalafobético



*A letra I
É equilibrista
Não deixa cair da cabeça
O pingo
Pingado
Pelo artista.*

Fonte: Fragata; Matsushita (2013)

Em cada página do *Abecedário escalofobético*, nota-se esse imbricamento de linguagens que exige do leitor uma pausa para ver e ler, pois cada letra é uma tela.

Considerações Finais

Este texto buscou apresentar uma nova perspectiva para compreender essa categoria de livros. Nela, os abecedários manifestam-se como espaços de colaboração, inventividade, imaginação e inovação e, sobretudo, lugar do encontro entre o signo linguístico com instâncias das artes: o cinema, a literatura e o design. O diálogo entre imagem e palavra, conjugado com o hibridismo resultante do entremeio dos textos ficcional e não ficcional, possibilita a constituição desse artefato complexo, cuja amplitude de possibilidades de significação não tem limites.

Diante disso, os abecedários são reconfigurados em obras fragmentadas, pós-modernas e abertas, nas quais o conhecimento e o contato com o sistema alfabético integram-se no entrecruzamento de linguagens e textos. Por fim, o contato com esses abecedários complexos possibilita uma relação de afeto e delicadeza entre os adultos e as crianças, permitindo, assim, que o jogo dos simples atos de apontar, nomear, dizer, reconhecer e descobrir os signos gráficos seja reconstruído em um espaço de imersão estética e ética.

Referências

BELMIRO, Célia Abicalil. **Um estudo sobre as relações entre imagem e textos verbais em cartilhas de alfabetização e livros de literatura infantil**. 2008. 285f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal Fluminense, Niteroi, 2008.

BELMIRO, Célia Abicalil; ALMEIDA, Tatyane Andrade. Livro ilustrado e as narrativas metaficcionalis para crianças. **Perspectiva**, Florianópolis, v. 36, n. 1, p. 151-171, jan./mar. 2018. Disponível em: < <https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2018v36n1p151/pdf>>

BELMIRO, Celia A.; MARTINS, Marcus V. R. Em busca de fugas poéticas: informação e ficção em livros para a infância. **Em aberto**, Brasília, v. 32, n. 105, p. 59-76. 2019

BERNARDO, Gustavo. Qualidade da invenção. In: Oliveira, Ieda. **O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?** Com a palavra o escritor. São Paulo: DCL, 2005, p. 09-24.

BERNARDO, Gustavo. **O livro da metaficção**. São Paulo: Tinta Negra Bazar Editorial, 2010.

BONNARDOT-LITAUDON, Marie-Pierre. **Les abécédaires de l'enfance**: verbe et image. Rennes: Universitaire de Rennes, 2014.

GALVÃO, Crisliene de Souza Leite. **Existe uma Literatura para Bebês?** 2016. 274f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016

GIOVANNINI, J. "A zero degree of graphics". In: FRIEDMAN, M. et all. **Graphic design in America: a visual language history**. Minneapolis: Walker Arts Center, 1989, pp. 201-21

HUBER, Bernard. Les abécédaires géographiques du XIX siècle: une 'géographie-prétexte'. **Mappemonde**, Avignon, n. 62, v. 2, p. 42-47, 2001. Disponível em: <<https://www.mgm.fr/PUB/Mappemonde/M201/Huber.pdf>>. Acesso em 02 set 2018

KUMMERLING-MEIBAUER, Bettina; MEIBAUER, Jorg. Early concept books: acquiring nominal and verbal concepts. In: KUMMERLING-MEIBAUER, Bettina. **Emergent Literacy: Children's books from 0 to 3**. Amsterdam: Jonh Benjamins, 2011

LITAUDON, M.P. 2018. ABC books. In: KUMMERLING-MEIBAUER, Bettina. **The Routledge Companion to Picturebooks**. London: Routledge, p. 169-179, 2018

MALLET, Margaret. Children's information Texts. In: HUNT, Peter (ed.) **International Companion Encyclopedia of children's literature**. 2. ed. London: Routledge, 2004.

MARTINS, Marcus V. R; BELMIRO, Celia A. Stylistic Strategies in Children's Nonfiction

books. In: GOGA, Nina; IVERSEN, Sarah Hoem; TEIGLAND, Anne-Stefi. **Verbal and visual strategies in nonfiction picturebooks**: theoretical and analytical approaches. Oslo: Scandinavian University Press. 2021.

MODEL, Murièle. Abécédaires: les enjeux de l'image. **Hors de Cadre (s)**, Paris, n. 21, 2014.

SILVA, Sara Raquel Duarte Reis; MARTINS, Diana Maria. Con letras se hacen palabras: contribuciones para una caracterización del libro-abecedario para la infancia. Santiago de Compostela. **Elos: revista de literatura infantil e xuvenil**, v. 3, p. 143-165, 2016. Disponível em: <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5887192>> Acesso em 25 set. 2018.